

Notas Bibliográfias

Franz Josef Stendebach, *Introducción ai Antiguo Testamento*. Tradução do alemão por Marciano Villanueva Salas. Barcelona: Herder, 1996. 400 pp., 12,2 x 19,8 em. Coleção: Biblioteca de Teología, 19. ISBN 84-254-1920-7

Franz Josef Stendebach é doutor em teologia e catedrático de Antigo Testamento na Universidade de Frankfurt.

Nesse livro o A dá forma literária ao conteúdo de suas aulas sobre introdução ao AT.

Segundo o A, para muitos cristãos o AT é um "livro fechado com sete lacres" devido à grande distância histórica e cultural que nos separa dessa coleção de escritos do antigo Israel, e ao fato de que durante um prolongado espaço de tempo o AT passou a um segundo plano na consciência eclesial média.

Para o A a continuidade de ambos os Testamentos justifica a dedicação da teologia cristã ao estudo do AT, pois sem ela o Novo Testamento resultaria ininteligível. Essa continuidade não se restringe ao esquema promessa-cumprimento, mas situa-se em estruturas básicas comuns, que incluem: a fé em YHWH, Deus de Israel, a quem os cristãos confessam como Pai de Jesus Cristo, criador do céu e da terra, e que intervém na história; a experiência de que esse Deus é um Deus para os homens, que aceita a humanidade e lhe garante um futuro incessantemente novo ao mundo e à história; as respostas de louvor, gratidão, confiança, fé e esperança ante a ação divina; o amor a Deus e ao próximo como centro e núcleo do culto e da ética.

Segundo o parecer do A., deve-se entender e definir a relação entre os Testamentos no sentido de uma analogia estrutural; como consequência, necessariamente cada um é intérprete e comentarista do outro. Por isso, o AT tem um valor substantivo próprio, contendo aspectos essenciais e irrenunciáveis da fé que não se encontram no NT. "Somente a partir desta base se conhece o significado autêntico do AT e se compreende o alcance das experiências do antigo Israel com Deus, com o homem e com o mundo: experiências vinculadas às perguntas fundamentais da existência

humana, ao temor, ao sofrimento, à culpa, ao eros e à sexualidade, à política, à economia, à sociedade, à justiça e à paz" (p. 16).

O A. faz uma projeção ou estruturação "histórica" para extrair a teologia contida em cada um dos escritos veterotestamentários. Numa primeira parte dedica-se a uma "introdução geral", analisando as questões relativas ao cânon, ao texto e sua história, às antigas traduções, e concluindo com uma descrição dos métodos exegéticos. Numa segunda parte, intitulada "introdução especial", estuda a origem, a formação e a sequência cronológica de cada um dos escritos ou grupo deles (os escritos são examinados não segundo a ordem do cânon atual, mas de acordo com seu processo de formação histórica).

Além de dirigir-se a todos que se interessam pelo AT, o A. visa sobretudo o público composto pelos estudantes de teologia e pelas pessoas dedicadas ao ensino religioso e à pregação.

GIANFRANCO RAVASI *El libro del Génesis* (Cap. 12-50). Tradução do Italiano por Marciano Villanueva Salas. Barcelona: Herder, 1994, 312 p., 19,9 x 11,8 cm. Coleção: Guía Espiritual del Antiguo Testamento. ISBN 84-254-1869-0.

Gianfranco Ravasi é responsável pela Biblioteca-Pinacoteca Ambrosiana de Milão, professor de exegese bíblica na faculdade teológica da Itália Setentrional e membro da Pontifícia Comissão Bíblica.

A segunda parte do livro do Gênesis apresenta-nos histórias dos grandes patriarcas Abraão, Isaac, Jacó e José, transmissores da fé no Deus da Eleição, da Promessa e da Salvação. Histórias que acontecem no interior das vicissitudes pessoais, familiares e tribais, num contexto histórico-cultural assaz impreciso e lábil.

Se na primeira parte do livro do Gênesis (1-11) a centralidade é conferida a Adão, isto é, ao homem de todos os tempos, com os peculiares prolongamentos - a humanidade em sua liberdade, o pecado, a graça divina -, a segunda parte (12-50), bem mais extensa, terá como protagonistas os patriarcas, sendo Abraão referência e figura emblemática. Abraão representa doravante o paradigma simbólico do itinerário da fé de todo crente. Deus se apresenta como o "Deus de Abraão, de Isaac e Jacó". Eis a expressão cabal que sintetiza essas páginas do livro do Gênesis.

Após a grandiosa revelação cósmica e universal dos primeiros onze capítulos, agora a palavra de Deus se dirige aos homens e a um povo concreto no mundo. O lugar da revelação não é o céu nem o êxtase, mas a terra, a descendência do homem. As ações do Senhor se inscrevem no tecido normal

da existência e das opções humanas. Esses capítulos são, portanto, uma cândida invitation a saber captar, na contínua variedade dos acontecimentos históricos em seus aspectos desconcertantes e gozosos, a mão de Deus que jamais abandona e se esquece dos seus fiéis escolhidos.

O autor, com acuidade, esforça-se em perscrutar fios condutores que mostram a continuidade e a harmonia das histórias de Abraão, de Isaac e de Jacó. Nesse sentido, vasculha o texto na sua totalidade e descobre três perspectivas que permitem uma hermenêutica abalizada do livro: *histórico-geográfica* (genealogias dos patriarcas, etiologia), *narrativa* (articulação das multiformes tradições religiosas de Israel e características literárias) e a *teológica*, que no entendimento do autor, constitui a verdadeira chave de interpretação de todos os dados, acontecimentos, figuras e símbolos; é o caminho que permite compreender as maravilhas e as proezas que o Senhor realizou em prol da humanidade.

Pelo fato de a coleção ser decididamente "comentário espiritual" do AT já inscreve no seu bojo sua grandeza e sua limitação. É uma obra cuja iniciativa é digna de alvissaras. Resta a expectativa de alguma editora aventurar-se em sua tradução e publicação, o que certamente viria enriquecer sobremaneira as investigações teológico-exegéticas referentes à Escritura do AT, tão escassas em nosso meio editorial.

AMBROGIO SPREAFICO, *Libro del Éxodo*. Tradução do Italiano por Marciano Villanueva Salas. Barcelona: Herder, 1995, 220 p., 19,8 x 11,9 cm. Coleção: Guía Espiritual del Antiguo Testamento. ISBN 84-254-1886-0

Ambrogio Spreafico é membro da comunidade de Santo Egídio e professor de Antigo Testamento na Pontificia Universidade Urbaniana de Roma.

O interesse precípua do autor é fazer emergir do Êxodo a força genuína de sua mensagem, mostrando-nos sua intensidade e surpreendente atualidade, de modo a dar conteúdo à oração do salmista: "lâmpada para os meus passos" (SL 119,105). Aliás, esta é também a intenção última da coleção de comentários espirituais do AT.

O livro do Êxodo contém o relato das origens de Israel como povo constituído pelas tribos que viviam juntas na Palestina. Trata-se de um povo, de irmãos, de homens e mulheres ligados a um destino e a uma vocação comuns. A Aliança testemunha a proximidade do Deus que se revela; é o dom por excelência que está conectado à idéia de Promessa, à Terra e à Salvação. Salvação tem para Moisés e seus irmãos uma dimensão coletiva, é evento

comunitário; essa compreensão contrasta com a nossa, que prima pela noção individualista de pecado e salvação; salvação é pôr-se a caminho da terra da promessa, à luz do Senhor. Porém, cabe a Israel seguir o Senhor ou optar pelos ídolos da morte.

O Êxodo é um dos livros do AT que mais marcou a história e a religião de Israel. Constitui o evento criador da história de Israel como povo. Consubstancia parte essencial do credo do povo eleito: Deus o libertou da escravidão do Egito, manifestou-se a Moisés no monte Sinai, dando-lhe a Lei; e o conduziu, através do deserto, à terra prometida. Na verdade, trata-se de uma história contraditória: enquanto Deus mostra sua vontade salvadora, sua solicitude e seu amor, Israel resiste, rebela-se, porque nem sempre compreende os caminhos de Deus. Deste modo, a salvação se apresenta como uma luta, primeiro contra o poder do mal, representado pelo Faraó e, em seguida, contra a resistência e a incompreensão do próprio povo de Israel.

O autor, como profundo conhecedor da Sagrada Escritura, conclui que o Êxodo é simultaneamente um livro e uma categoria salvífica: é a grande experiência de um povo quase arrastado pelo seu Deus, com a mediação de Moisés, à terra da liberdade. O Êxodo se converte assim em paradigma de todas as intervenções divinas na história dos homens. Não representa apenas o nascimento de uma "nação santa", mas tempo privilegiado de encontro com o Deus da vida.

ANTONIO BONORA, *El libro de Qohélet*. Tradução do italiano por Marciano Villanueva Salas. Barcelona/Madrid: Herder/Ciudad Nueva, 1994. 207 pp., 20 x 12 cm. Colección Guía Espiritual del Antiguo Testamento. ISBN 84-254-1829-9

"El libro de Qohélet" faz parte da coleção de comentários espirituais do Antigo Testamento. Esta coleção tenciona fazer emergir do texto bíblico, através de uma seleção das páginas que constituem sua trama literária e teológica, a força de sua mensagem, e, levando em consideração os dados exegéticos essenciais, mostrar sua intensidade e atualidade, a fim de encarnar a Palavra na existência humana, iluminando-a espiritualmente.

Antonio Bonora é professor de exegese bíblica na Faculdade de Teologia da Itália Setentrional e diretor da "Rivista Biblica".

Como Qohélet já foi tachado de pessimista, realista, cínico, epicurista, materialista, nihilista, imoral, misógino, hedonista, agnóstico, etc..., o A.

procura meditar sobre seu livro como um testemunho de um crente inteligente e crítico.

Contextualizando o Eclesiastes, o A. adverte que Qohélet escreveu seu livro em Jerusalém, quando a Palestina se encontrava sob a ocupação dos ptolomeus egípcios - século III a.c. - e gozava, pelo menos as classes sociais altas, de um período de paz, bem-estar e prosperidade econômica; a aristocracia palestina dispunha-se a adaptar-se aos costumes e à mentalidade helenísticas, ao mesmo tempo em que mantinha-se indiferente ante o fosso crescente que ia se aprofundando entre os diversos estratos sociais, devido às inúmeras formas de vexações e injustiças.

Sua hipótese é de que Qohélet foi um filósofo hebreu - um intelectual aristocrata e sofisticado - que tentou um diálogo entre a fé judaica e a filosofia popular helenista (cínicos, estoicos, epicuristas e céticos).

Segundo o A., para muitos crentes o livro de Qohélet resulta desconcertante por não conseguirem compreender a visão aparentemente cética que o autor tem a respeito da vida humana. Com Qohélet, aprendemos que a existência humana transcorre sempre entre dois pólos que se implicam mutuamente, e se alguém pretende eliminar um deles acaba fracassando.

Para o A., a quintessência da reflexão de Qohélet consiste no seguinte: retorne ao paraíso do Éden, aceite a vida como um dom, não se deixe seduzir pela tentação de possuir e consumir tudo, desfrute com serenidade o dom que o Criador lhe concedeu e confie nele com "temor de Deus"; não esqueça sua condição de criatura mortal, não pretenda "saber" tudo; aprenda a viver com muitos problemas irresolúveis; faça com alegria o que você tem a fazer, sem que o esforço para melhorar a vida lhe impeça de "viver"; tudo que você fizer sempre será pouco, a vida, porém, é sempre muito se você aceita recebê-la como um dom precioso; a vida fará com que você se depare com inúmeros enigmas e contradições, conserve, porém, intacta a nostalgia do Tudo, o desejo de buscar, de seguir sempre adiante como peregrino; o Tudo será sempre sua meta, Ele sairá ao seu encontro como o Oculto que lhe interpela: "o que procura?"; enquanto se vive sob o sol, sempre há mais gozo em buscar que em possuir, desde que o amado seja o Tudo.

Qohélet mostra que o pensamento da morte ensina a viver sem temor a criaturalidade, ou seja nossa condição de ser finito e limitado. A culpa existencial consiste na não-aceitação da finitude do ser, no desespero que surge por não se chegar a ser como Deus, em amargar a existência na infinitude do medo de morrer. Quando o homem se reconhece e se aceita diante de Deus como criatura finita e mortal, aí então conquista a liberdade de desfrutar da vida e de seus dons estupendos.

GÉRARD ROSSÉ, *Os Evangelhos*. Tradução (do italiano) José Maria de Almeida. São Paulo: Cidade Nova, 1995. 104 pp/ 11 x 18 em. Coleção Vida em Comunidade. ISBN 85-7112-067-6

Poucos autores conseguiram como este expor de modo tão simples, sintético e exato as intrincadas questões exegéticas e hermenêuticas sobre a formação literária dos evangelhos. Recomendo muito esse livro para quem quiser ter uma primeira idéia clara e suficiente da maneira como entender os escritos dos evangelistas.

Expõe com precisão os três momentos fundamentais da formação dos evangelhos: a pregação do Jesus histórico, a pregação e os primeiros escritos da comunidade apostólica e a redação final dos evangelhos.

Inicia o trabalho mostrando em que sentido os evangelhos são e não são uma história de Jesus. Explica muito bem o sentido de verdade histórica para os evangelhos e o da mentalidade moderna científica. Já a superação desse equívoco evita muitos outros. Ao entenderem-se os evangelhos como a história de Jesus interpretada pela fé e para a fé, elimina-se toda preocupação positivista de verificar a literalidade dos acontecimentos. Tal perspectiva se mostrava alheia aos hagiógrafos.

Na formação literária dos evangelhos retoma os três momentos da pregação de Jesus, da comunidade e da redação. Em seguida aprofunda essas três etapas da formação literária. Aponta os principais fatores que, de um lado, impedem uma leitura fundamentalista e literal dos escritos evangélicos, e, de outro, oferecem critério hermenêutico para aprofundar e atualizar o sentido dos textos.

No centro está o evento da Ressurreição de Jesus que lançou luz nova sobre tudo o que os apóstolos e discípulos viram e experimentaram de Jesus. A necessidade de traduzir para o grego os ditos e sermões de Jesus em aramaico introduz mudanças significativas de linguagem. A lingüística moderna chama a atenção sobre a importância do destinatário para a compreensão de um texto. Ora, os evangelhos tiveram destinatários diferentes que influenciaram na sua redação. Os seus autores, sobretudo Mateus, tinham no horizonte o Antigo Testamento como esquema de interpretação dos eventos relacionados com Jesus. Nessa chave, leram muitos acontecimentos do Jesus histórico. As mudanças de ambiente cultural, as transformações das situações em que Jesus viveu e das em que os evangelhos foram escritos pesaram na sua confecção. Todo escritor tem a preocupação de explicar termos ou referências, conhecidos dele mas desconhecidos do leitor. Os hagiógrafos que escreviam para ambientes alheios ao judaísmo tiveram de introduzir explicações ou mudar dados culturais demasiadamente herméticos para seu público. Às vezes eles se defrontavam com tradições diversas e buscavam harmonizá-las, outras vezes permitiam-se oferecer soluções próprias para problemas novos, desconhecidos no tempo e ambiente de Jesus.

O A. tem o cuidado de oferecer muitos exemplos que concretizam e explicitam as regras exegéticas e hermenêuticas propostas. O leitor pode assim entender bem melhor o significado dos princípios interpretativos e depois, ele mesmo, usá-los em outros momentos.

Um belo capítulo, mais teológico, mostra a dupla preocupação dos hagiógrafos de fidelidade na liberdade. Esse critério vale para nós hoje. Fidelidade ao texto evangélico implica liberdade de atualização e aprofundamento para a situação de hoje.

Um pequeno capítulo final aborda o evangelho de João. Desenvolve a dupla idéia de que é um evangelho mas bem diferente dos sinóticos. Indica os pontos de convergência que lhe dão o direito de ser evangelho e os pontos próprios que o afastam da tradição sinótica. João passeia entre o simbolismo, alegorias, teologia mais desenvolvida e toques fortemente históricos.

Este livro pode ser colocado na mão de catequistas, seja pela maneira simples e clara de sua exposição, seja pelo cuidado teológico de evitar afirmações chocantes e desnorteantes. Há um cuidado pedagógico de respeito ao leitor sem provocações inúteis, mas transmitindo-lhe os dados consensuais da atual exegese e hermenêutica dos evangelhos.

MIRCEA EUADE, *Historia de las creencias y de las ideas religiosas. Desde la época de los descubrimientos hasta nuestros días.* Tradução do alemão por J. M. López de Castro. Barcelona: Herder, 1996. 614 pp., 14,1 x 21,6 cm. ISBN 84-254-1889-5

Com Friedrich Nietzsche e sua frase "Deus está morto" resumia-se uma das mudanças espirituais mais importantes acontecidas no mundo ocidental nos últimos séculos. Porém, em contraposição, outros deuses como Bhagwan ou os da astrologia foram importados de outras culturas. Esta divergência dos desenvolvimentos culturais parece uma contradição; no entanto, C. G. Jung assinalara há poucos decênios que todos os deuses também têm uma história, devem morrer para que nasçam novos símbolos ou para que ressuscitem.

Um dos grandes universalistas em ciências da religião deste século foi o romeno Mircea Eliade (Bucarest 1907-Chicago 1986): não há nenhuma religião sobre a qual ele não tenha publicado alguma coisa.

Aos vinte e um anos, Mircea Eliade terminou a carreira de filosofia em sua cidade natal, transferindo-se posteriormente para Calcutá a fim de continuar seus estudos de filosofia hindu e de sânscrito. Até 1932 viveu num

mosteiro do Himalaia, ano em que doutorou-se em filosofia. Em 1933 publicou sua primeira novela, e desde esta data até 1939 lecionou na Universidade de Bucarest. Em fins desse ano, já em Paris, fundou a revista *Zalmoxis*. Durante a Segunda Guerra Mundial trabalhou como adido cultural na embaixada da Romênia em Londres e Lisboa; após a guerra tomou-se catedrático na *École des Hautes Études* de Paris. Em 1956 estabeleceu-se em Chicago, onde continuou como docente na universidade até sua morte. Entre 1959 e 1971, juntamente com Ernst Jünger, dirigiu a revista *Antaios*.

A obra científica de Mircea Eliade abarca mais de quarenta títulos, porém a *Historia de las creencias y de las ideas religiosas* é sua contribuição mais destacada no campo das investigações religiosas: uma visão universal das religiões, desde a idade da pedra até os tempos modernos. Sua obra-mestra, porém, ficou inacabada.

Embora já tivessem sido publicados três tomos da *Historia de las creencias y de las ideas religiosas*, faltava um que incluísse as religiões autóctones da Austrália, Oceania, América do Sul, Central e Norte, Japão, Indonésia e África Ocidental (a elas se devem conceitos tão fundamentais como maná, tabu e fetichismo). Este último tomo foi possível graças à participação de vários especialistas seguidores das diretrizes temáticas de Mircea Eliade. Ademais, este volume conclui-se com um capítulo sobre a criatividade religiosa e a secularização na Europa a partir da Ilustração.

HERBERT HAAG - EUGEN DREWERMANN: *No os dejes arrebatar la libertad* Por un diálogo abierto en la Iglesia. Dirigido por Klara Obernüller. Tradução do castelhano por Claudio Gancho. Barcelona: Herder, 1994. 112 pp., 19,8 x 12,3 cm. ISBN 84-254-1870-4

No Teatro Bernhard, de Zurique, existe uma série de atos literários, organizada pela Sra. Ruth Binde. A 11 de maio de 1992, no programa dessa série, sob o título de "Em choque com a Igreja", a jornalista suíça Klara Obermüller coordenou uma conversa aberta e franca entre dois teólogos católicos em dificuldades com as instâncias eclesiásticas: o exegeta Herbert Haag e o exegeta-psicanalista Eugen Drewermann. Apesar da diferença de idades, o primeiro nascido em 1915 e o segundo em 1940, eles comungam numa mesma experiência de atritos com a instituição da Igreja e com uma atitude básica de crítica, de liberdade descompromissada com os liames institucionais.

O livro reproduz esse diálogo. Além disso, consta nele a reprodução em forma abreviada dos discursos dos citados teólogos quando da en-

trega a Eugen Drewermann do prêmio "Fundação Herbert Haag para a liberdade na Igreja".

O gênero literário de diálogo espontâneo e de discurso favorece um pensamento direto sem a preocupação com o academicismo. Os dois autores, respondendo às perguntas da jornalista suíça, exprimem com muita liberdade e franqueza sua posição extremamente crítica em relação à instituição eclesiástica desde a experiência que fizeram de conflitos com ela.

As idéias centrais das discussões e discursos giram em torno da enorme distância entre a vida comum do homem e da mulher de hoje e as propostas, o discurso o espírito, a mentalidade da instituição eclesiástica. Eles revelam uma descrença na possibilidade dessa instituição concreta refazer tal abismo, enquanto a tarefa verdadeira deveria ser a de falar às pessoas de hoje sobre o Deus da Bíblia, o Jesus dos evangelhos, de modo que elas se sentissem livres e superassem o medo.

Estas críticas se tornam contundentes a respeito dos teólogos com seu discurso e sobretudo com a dupla teologia. A teologia para os iniciados, crítica que aborda os temas com honradez em diálogo com os problemas que surgem. E a teologia da pregação, censurada, mitigada, em que se omitem questões que possam escandalizar o fiel.

Que adianta ensinar aos estudantes uma teologia que eles não poderão pregar? E com que direito manter o fiel alheio e desconhecedor das questões que se levantam hoje à fé cristã, à tradição eclesial? Perguntas que os autores se fazem

Além disso, o discurso teológico está mais preso aos dogmas do passado que à hermenêutica existencial da Escritura para hoje. Em dado momento, de modo irônico, afirmam que a atual teologia não conseguiria ser traduzida nem numa linguagem árabe, nem chinesa, nem mesmo na de Jesus. Em outro lugar, Drewermann afirma que o judeu Jesus de Nazaré deveria ter ao menos o direito de que se lhe apresentasse como o Cristo de uma maneira que ele mesmo pudesse entender.

As críticas se fazem também pesadas a respeito da falta de liberdade na Igreja e do medo. O cerne da função religiosa consiste em fazer-nos homens e mulheres livres e sem medo, enquanto a instituição eclesiástica restringe e cultiva o medo.

Pode-se não concordar com as posturas fundamentais dos autores, que no fundo descrevem radicalmente da atual instituição eclesiástica, mas fica sem dúvida uma chamada séria a todos os homens e mulheres de Igreja a uma reflexão sobre seu comportamento, seus discursos, sua atitude fundamental diante do Jesus do Evangelho e de toda a Revelação Bíblica. Levanta questões graves a respeito da maneira como trabalhar a linguagem bíblica (simbólica, mais afeita às imagens, ao mito que aos conceitos), com o uso também da psicologia profunda e não somente da crítica literária, de modo que ela ajude as pessoas na sua vida de hoje. Uma leitura dogmática e fundamentalista da Escritura está na origem de muitas posições rígidas da

Instituição no campo da moral, na concepção de pecado, etc., repisam os autores. Livro para ser lido com abertura, com capacidade crítica e com busca sincera da verdade.

GEORGES SOREL, *Reflexões sobre a Violência*. Tradução (do francês) Orlando dos Reis. Petrópolis: Vozes, 1993. 287 pp., 21 x 13,6 cm. Coleção Clássicos do Pensamento Político, 23. ISBN 85.3261031-5.

Esta coleção da Vozes vem tomando acessível ao público brasileiro obras de valor mundial no campo do pensamento político. G. Sorel (1857-1922), sociólogo francês, publicou esta obra no início do século. Como todo clássico, torna-se divisor de águas. Dedicou-se a reflexões sobre a violência. Este livro é uma coletânea de artigos. Adversário da burguesia, seguidor não-ortodoxo do marxismo, teve mais influência no mundo intelectual do que no operário. Nas suas análises, manifesta nítido espírito anticlerical. Critica sobretudo o espírito conciliador da Igreja como uma forma de atenuar o conflito de classe e assim manter o domínio burguês.

A introdução é uma carta que escreve a D. Halévy, conhecido biógrafo de Nietzsche, onde o A. explica a natureza do livro, as críticas que recebera de seus artigos por causa da falta de limpidez redacional, não respeitando "as regras da arte", e de seu pessimismo. Opõe-se a apresentar esperanças decepcionantes para almas frágeis. Nessa direção vai sua crítica ao insuportável otimismo de Sócrates.

Atribui a aversão que, em geral, se tem ao pessimismo à influência do otimismo jesuítico nas universidades por causa de sua luta contra o pessimismo da Reforma e a vulgarização das idéias do Renascimento. Vê também no pessimismo do romantismo mais uma doença psíquica do que uma realidade. Os sucessos da civilização material fazem crescer tal otimismo. Estamos no início do século. Sorel mostra a ilusão desse otimismo e faz análise até mesmo psicológica do otimista. Seu "pessimismo" é uma marcha para a libertação ligada ao realismo do conhecimento objetivo nascido dos obstáculos e da consciência de nossa fraqueza natural. Aprofunda o verdadeiro sentido de "pessimismo".

Considera-se um autodidata, já que vem do ramo da engenharia de estradas e pontes para o da cultura enciclopédica, e especialmente para o da temática da violência.

Crítico do pensamento burguês, alerta o proletariado contra a invasão das idéias e costumes da "classe inimiga".

Suas reflexões sobre a violência inspiram-se em fatos do cotidiano, tais como o cortejo de violências presente no "desenvolvimento normal". Para refletir com seriedade sobre o socialismo, afirma o A., é preciso antes de tudo se preocupar com procurar saber qual é o papel que cabe à violência nas relações sociais atuais.

Estuda a luta de classe e a violência. Critica logo no início a idolatria das palavras, a rigidez de prender-se a expressões quando a prática já não corresponde à verdade das palavras. O termo "luta de classe" entra no rol das expressões usadas abusivamente. Mostra as ilusões relativas à eliminação da violência. A classe burguesa procura reduzir a violência a resíduos da barbárie e profetiza seu desaparecimento pela influência do progresso. A violência para o A. só tem valor histórico se for expressão brutal e clara da luta de classe. Sem essa clareza na conservação da ideologia de classes, a verdadeira revolução não é possível. A violência da luta de classe deve visar não a vantagens materiais imediatadas mas a salvar o mundo da barbárie. Trata também dos preconceitos contra a violência. Faz questão de distinguir entre uma violência vingativa daqueles que tomam o poder do Estado e a violência proletária que marca a separação de classe. Assesta fortes críticas ao socialismo parlamentar de seu tempo. E defende a pureza da ação da classe proletária, a importância da greve geral onde se realizam as teses capitais do marxismo. Ao tratar da violência e moralidade, critica a tolice da admiração dos seus contemporâneos pela suavidade enquanto outros autores notáveis temem menos a violência do que o caráter amolecido e efeminado dos homens. Cita em favor de sua tese até autores católicos como P. Bureau, P. de Rousiers. Indica também os motivos da profunda aversão dos moralistas à violência. Aposta no sindicalismo revolucionário como a grande força educadora da sociedade contemporânea para preparar o trabalho do futuro.

É um clássico, cujas análises conservam sempre valor para entender a história das idéias. No entanto, elabora suas teorias bem próximas do cotidiano. Por isso, alude a fatos do momento, a personagens políticos, a comportamentos parlamentares. Para uma melhor compreensão e estudo profundo do A., o leitor necessitaria naturalmente estar a par da história no início deste século na França. Só para dar exemplos. O A. alude à famosa polêmica travada em torno do processo contra Dreyfuss, a personagens políticos como Clemenceau, Jaures e tantos outros. Refere-se a artigos do jornal L'Humanité e a outras publicações do cotidiano.

O estudo dos clássicos permite entender melhor o espírito de uma época. G. Sorel contribui para compreender as querelas que atravessavam o socialismo no final do século passado e início deste.

M. NAVARRO PUERTO, *Las libras de Josué, Jueces y Rut*, Colección "Guía espiritual del Antiguo Testamento", Empresa Editorial Heder, Barcelona, 1995, 172 pp. 19,8x11,9cm, ISBN 84-254-1898-4

A terra prometida é o centro dos relatos de Josué e Juízes; o primeiro livro narra a conquista da terra e o segundo as dificuldades do povo para manter e consolidada esta conquista. O livro de Rute, por sua vez, apesar de ter sido escrito muito tempo depois, contém um relato situado historicamente no tempo dos juízes.

Isso justifica o fato de, no presente comentário, se falar destes três livros do Antigo Testamento como formando uma unidade, embora a autora tenha o cuidado de mostrar as características peculiares de cada um deles. O tema central comum aos três livros é a fidelidade do povo à Aliança que Deus selou com ele no Sinai: essa é a condição para o povo eleito habitar e permanecer na terra prometida.

Essa temática dá unidade aos três livros. Mas se por um lado Josué e Juízes são uma reflexão teológica sobre fatos reais, por outro lado, Rute é uma novela, um relato de ficção, mas que reflete a história de Israel daquela época interpretada à luz da fé. Trata-se portanto de obras literariamente diferentes mas que querem expressar uma mesma verdade teológica.

Cada parte do presente comentário é composta de um texto selecionado, a contextualização do mesmo seguida de amplo comentário. Essa seleção dos textos obedece a nuclearidade do tema da fidelidade do povo à Aliança como condição para habitar e permanecer na terra prometida.

Além desse enfoque narrativo dos textos, a autora presta particular atenção ao mundo feminino da Bíblia, que mantém vivo o interesse do leitor, provocando nele um contínuo confronto entre a Palavra e a existência do crente e a História guiada por Deus.

A presente obra, embora seja antes de tudo uma obra de espiritualidade bíblica, tem uma boa fundamentação exegética. Aquele que se interessar por este aspecto encontrará uma pequena bibliografia.